

LESBOCÍDIO: AS HISTÓRIAS QUE NINGUÉM CONTA

Suane Felipe Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – suanefs@gmail.com

Milena Cristina Carneiro Peres

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – milena.carneiro37@gmail.com

Orientadora: Maria Clara Marques Dias

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – mcdias1964@gmail.com

Resumo

Nesta exposição, resgata-se informações e histórias de lésbicas assassinadas no Brasil. A proposta é trazer à reflexão coletiva a hipótese de que a precária cobertura midiática de tais eventos corrobora com a invisibilidade do movimento lésbico e suas pautas, e buscar, na Perspectiva dos Funcionamentos, um meio de construção de políticas públicas que interfiram nessa equação. O objetivo central é compreender a motivação desses crimes a partir da análise material da posição na qual a lésbica se encontra na sociedade ocidental contemporânea, da motivação lesbofóbica dos crimes e do ódio às lésbicas. Parte-se do princípio de que a ordem social da sexualidade é heterossexual e tudo o que se desvia dela é tido como uma afronta ao padrão social instituído. A lésbica, por sua vez, além de ser desviante, ainda sofre com a misoginia institucionalizada por fazer parte da classe mulher. Um exemplo disso é o nítido apagamento que as mídias reproduzem ao não identificar a violência contra lésbicas como lesbofobia, mas chamá-la de homofobia – erroneamente, uma vez que são violências distintas. Destaca-se, então, a necessidade urgente da criação e melhoria de políticas públicas, no âmbito da seguridade social e da comunicação social, que promovam o debate sobre lesbofobia na sociedade, que estejam no atendimento direto à essas usuárias, desde a atenção básica até a atenção especial para lésbicas em situação de violência.

Palavras-chave: lesbocídio, assassinato de lésbicas, visibilidade lésbica, memória lésbica.

Introdução

Femicídio: Assassinato proposital de mulheres somente por serem mulheres¹. Lesbocídio: Assassinato proposital de lésbicas somente por serem lésbicas². O primeiro contato da pesquisa com o termo se deu a partir na divulgação do evento *1ª Semana de la Disidencia Sexual*, realizado pelo curso de Sociologia da *Universidad ARCIS-Valparaíso*, do Chile e conseguimos defini-la a partir de referenciamento do termo com o texto *Soy – Las Cosas Por Su Nombre*,

Este crimen perpetrado por el régimen de disciplinamiento bajo tortura que –por lo menos desde Adrienne Rich – llamamos Heterosexualidad Obligatoria y que otra vez encarnó en uno de sus tantos sicarios, no fue de ningún modo un “femicidio”, no fue un exabrupto más

¹ O femicídio é o termo empregado para designar o assassinato de uma mulher pelo simples fato de esta ser mulher. Dessa forma, é uma violência em razão do gênero. Etimologicamente o vocábulo *femi* emana de *femin-*, de origem grega (*phemi*), significando "manifestar seu pensamento pela palavra, dizer, falar, opinar" e *-cídio* resulta do latim *-cid/um*, que remete à expressão "ação de quem mata ou o seu resultado". Adaptado de: <https://jus.com.br/artigos/31359/o-que-e-femicidio>. Acesso em: 11 ago. 2017.

² Definição adotada por derivação do emprego em língua portuguesa do sufixo *-cídio* acrescido do termo *Lesbos*, nome grego da ilha que está localizada ao norte do mar Egeu, na qual habitou a poetisa Safo de Lesbos. Seus escritos deram origem a palavra lésbica que significa “Mulher que tem preferência sexual por ou mantém relação afetiva e/ou sexual com pessoa do mesmo sexo.” Retirado do Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa 1.0.

de la “violencia de género”, no fue un “crimen de odio”, aunque seguramente fue una gota de odio –que lamentablemente no resultará la última– la que colmó la lesbofobia de Toledo, el asesino. El crimen de odio resulta legalmente una figura difusa, más poética que incriminatoria y aunque tal vez no hayamos escuchado, leído o pensado la palabra “lesbocidio”, de eso es exactamente de lo que se trata, ni más ni menos: el asesinato de una lesbiana. No obstante, reconocemos que el uso de estos términos más conocidos puede resultar estratégico en las demandas formales, que deben adecuarse a protocolos bastante específicos. (Coletiva Editorial Baruyera, 2010)

Antes de tudo, precisamos compreender que ser lésbica é algo que permeia todos os aspectos da vida de uma indivíduo incluindo suas relações profissionais, pessoais etc. Ou seja, na maioria das vezes, não é algo que a pessoa escolhe apresentar para a sociedade quando convém, como a sua posição política, o seu time de futebol ou a sua religião, mas que interfere em sua vida mesmo antes que qualquer coisa seja dita. E a este pacote do que é ser lésbica, a sociedade responde com um outro pacote, a lesbofobia. (AGOSTINI, 2010) Diferente da homofobia, as violências específicas que compõem a lesbofobia estão direcionadas exclusivamente às lésbicas que sofrem não apenas por se relacionarem com pessoas do mesmo sexo como também por serem mulheres.

Partindo do princípio de que a experiência da lesbianidade é travada por meio de inúmeras restrições e subjugações chegamos ao ponto central deste trabalho que é busca por visibilidade das agressões sofridas por lésbicas, em especial aquelas que chegam a letalidade. O assassinato de lésbicas é estudado, portanto, compreendido como uma faceta na lesbofobia, que, por sua vez, é trabalhada por meio da concepção da junção de pelo menos dois preconceitos que atingem as lésbicas, ou seja, o fato de serem mulheres e de serem homossexuais. (LESSA, 2007) (NAVARRO-SWAIN, 2004). Buscamos criar uma memória coletiva das nossas lutas e também das lésbicas; organizar um banco de dados para busca de medidas institucionais de proteção ao nosso grupo; e, pautar essa questão em todos os espaços possíveis, seja dentro da academia, seja dentro da sociedade civil e onde couber o debate sobre as violações perpetradas contra lésbicas todos os dias até chegarem ao lesbocídio.

A Perspectiva dos Funcionamentos é “uma perspectiva moral e política voltada para a realização dos funcionamentos básicos dos diversos indivíduos ou sistemas funcionais [...]” (DIAS, 2015, p. 7) que busca perceber que o outro não deve ser interpretado como sendo compreender sua existência segundo a nossa visão de mundo, mas apreender o que ele tem a nos dizer ou a expressar acerca de si mesmo (DIAS, 2015, p. 32). Compreendendo isto, apresentamos dados da pesquisa de campo que buscam, em dois planos, dar voz aqueles que já não falam por si: as lésbicas assassinadas. Primeiramente, no âmbito da memória coletiva e, em segundo plano, da apresentação de uma demanda para a criação de políticas públicas que atendam às necessidades das lésbicas em vida.

Metodologia

Com o intuito de conhecer como morrem as lésbicas no Brasil enveredamos por uma minuciosa busca por reportagens digitais e jornais e outros meios de comunicação que fossem expressões de notícias criminais nacionais, regionais e locais. Com essa primeira coletada de fontes fomos capazes de identificar uma dificuldade inicial de determinou o modelo de pesquisa que está sendo desenvolvida.

Trabalhamos, também, com casos apresentados no site www.homofobiamata.wordpress.com que é administrado pelo Grupo Gay da Bahia – GGB. O GGB presta há anos um importante serviço para a comunidade LGBTQIA+ fazendo os registros anuais dos assassinatos que nossa população sofre, são dados primordiais para o trabalho com o tema de violência para com a comunidade. É preciso destacar que, assim como o pioneirismo enquanto “mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil” (GGB, 2003), foi o pioneiro nos estudos e registros dos assassinados da comunidade LGBTQIA+. No entanto, o Grupo ainda não trata especificamente sobre os crimes contra as lésbicas e apresenta algumas lacunas nas divulgações das notícias.

A primeira fase da pesquisa consistiu em uma busca sistemática em ferramentas de busca na internet, como o Google³, por diversas palavras-chave como: lesbocídio, lésbicas assassinadas, agressões, lésbicas, lésbica, sapatão, mulheres que amam mulheres, mulheres que se relacionam com mulheres, entendidas e assim por diante até começar a encontrar algumas reportagens. Consideramos apenas as reportagens disponíveis no ano de 2017⁴ (ano de início da pesquisa) e com divulgação online.

Para a segunda fase passamos a catalogar os crimes e buscar algumas informações básicas: data dos crimes; nome das vítimas; idade das vítimas; raça/etnia da vítima; cidade em que os crimes aconteceram; diversas fontes para o mesmo crime (geralmente foram encontrados registros de três a cinco fontes para cada crime); profissão das vítimas; como o crime ocorreu; onde o crime ocorreu; motivação do assassinato divulgada pela mídia; motivação provável quando há o negligenciamento dessa informação; vínculo da vítima com o assassino; sexo do assassino; se a vítima era feminilizada ou infeminilizada (utilizando como parâmetro básico de mensuração a possibilidade dela de ser ou não confundida com um homem); nome do assassino; e, por fim, andamento do processo judicial.

³ “Google é uma empresa multinacional estadunidense de serviços *online* e *software*. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na *internet* [...]” Retirado do sítio eletrônico Significados. Disponível em <<https://www.significados.com.br/google/>>. Acesso em 23 ago. 2017.

⁴ A disponibilidade do material online é uma necessidade para o registro dos casos. Apesar de ser uma pesquisa retroativa, a difícil localização de casos cuja as matérias já saíram da internet prejudica diretamente a coleta de dados.

Neste cenário, uma questão que prejudicou a pesquisa e comprometeu a obtenção de dados mais precisos e consistentes é a forma negligente com que a mídia registra os casos, ignorando boa parte dos dados buscamos. Na apresentação e análise dos dados esse fator poderá ser identificado.

Resultados

Por esta ser uma fase da pesquisa em que ainda estamos criando os dados a serem trabalhados qualitativamente ela é essencialmente quantitativa e, por isso, trabalharemos com gráficos e alguns comentários para interpretá-los.

Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (MUNDO MAIS, 2017) no ano de 2009, em dez capitais do Brasil, aproximadamente 5% das mulheres se dizem lésbicas. Sabemos, também, que a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil (ONU BRASIL, 2016), o que nos leva, aproximadamente, a uma média de 4.380 mulheres assassinadas ao ano. Se 5% das mulheres são lésbicas, podemos considerar que aproximadamente duzentos e dezenove lésbicas são assassinadas por ano.

Até o momento, analisamos cinquenta e três casos de lesbocídios registrados entre 2014 e 2016, uma média de 17,6 casos por ano. Comparando essa informação com a estimativa de assassinatos por ano que fizemos acima, há uma lacuna de cerca de 200 crimes por ano sem catalogação/divulgação. Diante desta ausência de informações fazemos o seguinte questionamento: Quem são essas lésbicas por quem não choramos?

Já são mais de cem registros encontrados de 2011 a 2017, no entanto, nos limitamos a analisar cinquenta e três deles até o presente momento, conforme informado anteriormente. A partir destas análises, foram encontradas algumas respostas e várias novas perguntas. Apresentaremos os dados encontrados e analisaremos em sequência para uma melhor dinâmica de leitura:

O número de registros de lesbocídios cresceu significativamente nos últimos três anos. O



número quatorze assassinados divulgados pela mídia, no ano de 2014, saltou para vinte e um assassinatos em 2015. Uma análise mais profunda ainda é necessária para buscar compreender a motivação do aumento de registros de casos, no entanto, pode-se observar que após casos emblemáticos que movimentos

sociais abraçam, os registros aumentam e a qualidade das informações também, como ocorreu após o assassinato da Luana Barbosa dos Reis, em oito de abril de 2016.

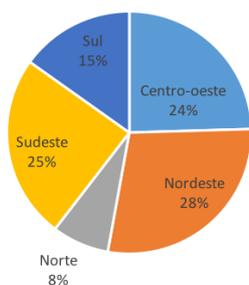
A maioria das lésbicas assassinadas morre até vinte e três anos, somando 57% da amostra estudada. Um número significativo delas morre antes mesmo de completar dezoito anos. Outra característica importante é que em 90% dos casos de assassinatos de lésbicas com até dezoito anos os assassinos eram pessoas conhecidas pelas vítimas, em geral, amigos de infância, parentes ou ex-namorados.

Idade das lésbicas assassinadas nos últimos 3 anos



A maioria dos crimes ocorre no nordeste, onde foram registrados 28% dos casos, seguido pelo sudeste com 25%, centro-oeste com 24%, sul com 15% e norte com 8%.

Número de assassinatos por região nos últimos 3 anos



Uma característica marcante desses crimes, salvo algumas exceções como a do *serial killer* de São Paulo (LESBOCÍDIO, 2017), em 2015, é que em 80% dos casos eles ocorrem em cidades interioranas. Esses dados podem gerar inúmeras análises

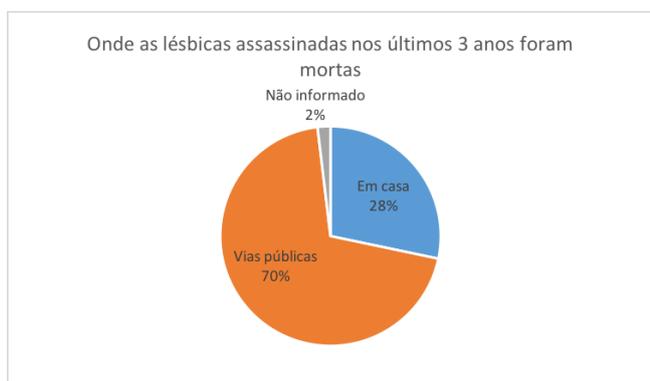
geopolíticas ligadas à compreensão das motivações dos crimes e outros pontos importantes que não serão aprofundadas no momento. A importância em analisá-los é compreender as diferenças regionais de cada crime, observar padrões afim de atuar nas especificidades de cada local em prol da segurança das lésbicas que ali vivem.

Os crimes contra as lésbicas são, muitas vezes, extremamente cruéis ou com características de execução. É assustador o número de tiros ou facadas a que são submetidos esses corpos. Assassinatos por espancamento, estrangulamento, estripamento não são raros quando tratamos de lésbicas. Esse é um dos dados onde há o menor índice de não-informação, ou seja, em 98% dos casos analisados há a presença da informação de como o assassinado aconteceu. Isso representa apenas um caso dentre cinquenta e três da amostra total. O sensacionalismo vende,

Como as lésbicas assassinadas nos últimos 3 anos foram mortas



imagens chocantes de corpos desnudos e mutilados, de sangue pelo chão. Vende muito bem e, inclusive, vende mais do que a própria memória da vítima.

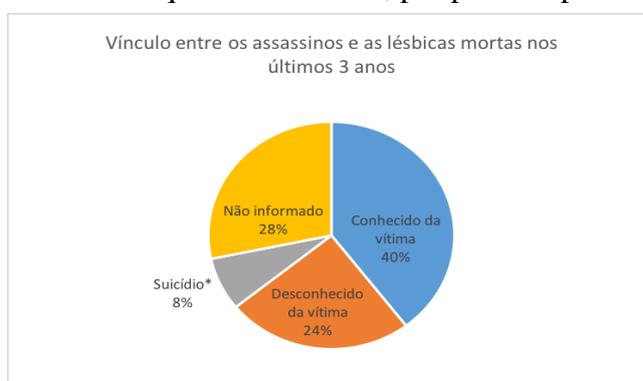


Apesar de haver uma variação grande desses dados de ano para ano, os crimes cometidos dentro de casa ainda são muitos, geralmente realizados por pessoas conhecidas pelas vítimas e executados com muita violência. De cinquenta e três mortes, quinze foram realizadas dentro de casa. São pessoas que abriram suas portas para amigos, vizinhos,

conhecidos em momentos de lazer ou de descanso e foram brutalmente assassinadas. Seus corpos foram escondidos dentro de camas, arrastados em vias públicas, jogados atrás de móveis na tentativa de escondê-los ou desovados em terrenos baldios próximos. O lar, um espaço que deveria proporcionar segurança e tranquilidade, ainda é um local onde os direitos das lésbicas são violados e suas vidas, ceifadas. Quando ocorrem em algum espaço público, em sua maioria, são feitos com características de “execuções”, geralmente dois homens chegam abruptamente em motos, no local onde a vítima se encontra, e efetuam mais de três disparos contra ela.

A forma como o crime acontece é utilizada pela polícia para buscar a motivação do crime. Há uma dificuldade em registrar fidedignamente a motivação dos crimes, raramente são identificados como crimes de ódio, de lesbocídio ou decorrentes de motivação lesbofóbica (ou homofóbica, como alguns registram). Na maioria dos crimes com características de execução, as investigações tentam associar as vítimas com o tráfico de drogas, mesmo nos casos em que não há indício algum desta conexão. Os crimes ficam sem solução em 80% dos casos em que há a tentativa, por parte da polícia, de conectar a vítima com o tráfico de drogas.

Na maioria das vezes o assassino é alguém íntimo da lésbica seja ele familiar, amigo ou ex-companheiro da própria vítima ou da namorada/esposa dela. No entanto, em muitos casos não se sabe quem são os assassinos. Casos em que não há conexão evidente entre o autor do crime e a vítima representam 24% do total.



O índice de assassinos não informados nas reportagens é muito alto, chega a 40% do total. Isso

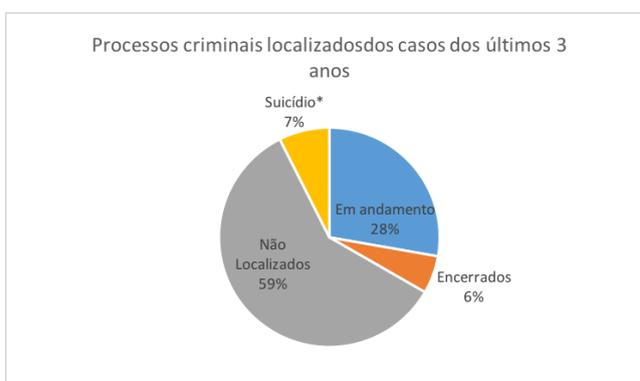


representa vinte e um casos, dos cinquenta e três analisados, onde não foram divulgados os dados do autor do crime. Sem o nome do autor, o rastreamento do processo criminal é imensamente prejudicado.

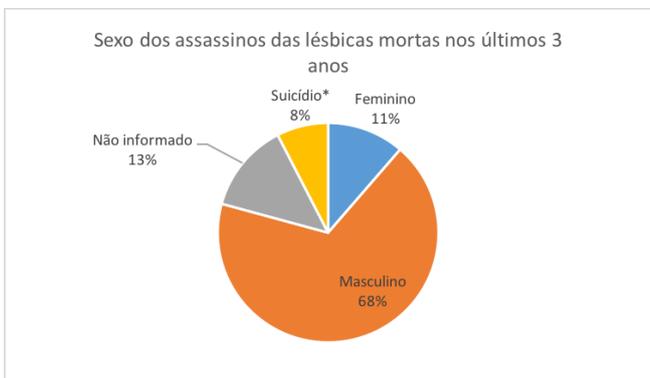
Dos cinquenta e três casos, 59% dos processos não puderam ser localizados nos

sistemas digitais online do Tribunal de Justiça estaduais. Dos processos localizados, apenas três casos

foram encerrados (um com sentença e prisão decretadas e efetuadas e dois em que o réu ainda possui possibilidade de recurso). Quinze processos ainda estão em andamento (28%), sendo muitos casos do ano de 2014, são mais de três anos sem solução e com os réus mantidos em prisão preventiva.



Os crimes são cometidos, em 68% dos casos, por homens. Quando são cometidos por mulheres,



em 100% dos casos são amigas, namoradas/esposas ou ex-namoradas/esposas das vítimas e são chamados de crimes “passionais”, motivados por ciúmes ou motivo torpe, não há registro de um só crime de ódio contra lésbicas realizado por mulheres.

A maioria das lésbicas assassinadas são as

que identifiquei como infeminilizadas, a chamada lésbica “masculina” que facilmente é confundida



com homem.

Os dados de raça/etnia sempre são um ponto que deve ser analisado com muita cautela. Precisamos lembrar que estamos trabalhando com dados divulgados pela mídia. Sim, essa mídia racista, misógina, lgbtfóbica. De acordo com o gráfico, a maioria das lésbicas

assassinadas são brancas, o que é muito estranho no nosso país, tendo em vista que, segundo o IBGE, em 2014, 54% da população brasileira era composta por pessoas negras. No entanto, a maioria das lésbicas assassinadas cujo os casos foram divulgados na mídia eram brancas. Isso não significa que a maioria das lésbicas assassinadas são, de fato, brancas. A cada vinte e três minutos uma pessoa jovem e negra é

assassinada no Brasil (BBC, 2017) não sem motivo a cobertura de casos de lésbicas brancas possui maior cobertura e acompanhamento do que casos envolvendo vítimas negras e indígenas, pois o apagamento das mortes negras e indígenas é um projeto político de extermínio e também se faz presente quando analisamos a questão da lesbianidade.

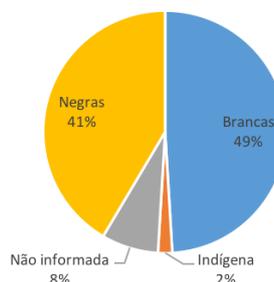
Da amostra analisada, vinte e três lésbicas assassinadas eram negras ou indígenas e, desses casos, quatorze estão sem a identificação dos assassinos, ou seja, 60% dos casos estão sem processo criminal aberto no Tribunal de Justiça. Em comparação com os casos de lésbicas brancas, de vinte e seis casos, treze casos estão sem a identificação dos assassinos, ou seja, 50% dos casos estão sem processo criminal aberto no Tribunal de Justiça. Com isso, percebemos que os crimes cometidos contra lésbicas brancas são mais recorrentemente investigados do que os crimes cometidos contra lésbicas negras ou indígenas.

Discussão

Diante desta precariedade de informações, compreendemos que a defesa do pertencimento destes indivíduos à uma memória coletiva e do acesso aos seus funcionamentos básicos necessários para seu florescimento (DIAS, 2015, p. 51) ficam comprometidos. Os registros sobre lésbicas assassinadas que são veiculados na grande mídia raramente apresentam dados consistentes sobre os processos criminais aos quais estão vinculados o que, via de regra, restringiu a nossa pesquisa às informações que puderam ser encontradas digitalmente.

A partir desta narrativa, destacamos a relevância da pesquisa e a necessidade urgente da criação e melhoria de políticas públicas que promovam o debate sobre lesbofobia na sociedade. Primeiramente, uma vez que as lésbicas sejam incluídas no grupo de concernidos morais serão demandadas ações específicas de acordo com suas necessidades, “cada indivíduo possui características próprias e está imerso em contextos particulares dos quais extrai não apenas aquilo

Raça/etnia das lésbicas assassinadas nos últimos 3 anos



que é, ou seja, sua identidade pessoal, mas também seus padrões do que seja uma vida bem realizada ou feliz”. (DIAS, 2015, p. 80). Uma vez anulada a possibilidade do sujeito de apresentar suas demandas para que a sociedade compreenda, pois já não possui mais a vida ou a memória devido a invisibilização de sua existência que é promovida pelas mídias, seu direito de acesso a uma justiça social para seu próprio florescimento está violado. A partir daí, é dever do Estado criar medidas e políticas públicas que garantam a este sujeito seu direito de existir e de buscar sua satisfação.

Durante a pesquisa de campo foram encontradas, além da violação da vida, violações de propriedade privada, de identidade, de segurança, de saúde, do direito de ir e vir entre outros, e por fim, do direito à memória. Sendo assim, para este grupo podem ser identificados enquanto funcionamentos suas existências em vida e em morte a fim de garantir a visibilidade e o acesso aos meios de sobrevivência enquanto parte de uma população estigmatizada e marginalizada que precisa do atendimento diferenciado do Estado por meio de políticas públicas específicas.

Conclusões

A partir desta pesquisa, o que se conclui é que pouco se sabe sobre a violência contra as mulheres lésbicas no Brasil. Os aprofundamentos dos dados revelam mulheres que foram mortas por amarem outras mulheres, por destinarem sua paixão a construir novos modelos de famílias. Era majoritariamente jovens que possuíam certa independência financeira, moravam com suas namoradas/esposas e buscavam seguir suas vidas conquistando seus sonhos.

As informações divulgadas pela mídia apresentam um cenário assustador e preocupante. Assustador, pois são lésbicas jovens que não podem desfrutar de seu amadurecimento de forma saudável uma vez que têm sua vida interrompida de forma brutal e precipitada; e preocupante, pois a atenção que a sociedade vem dedicando para evitar que tais crimes ocorram é mínima ou até mínima em muitos contextos.

Diante da limitação aos dados online encontramos ainda outras questões. Identificamos que nos últimos três anos foram noticiados aproximadamente cem assassinatos de lésbicas. Diante deste número percebemos que boa parte das lésbicas mortas ou não são catalogadas pelos jornais como lésbicas ou suas mortes não são noticiadas. Acreditamos que a interseção destes dois fatores gera um déficit de grandes proporções para a pesquisa. Ainda assim, os dados encontrados são bastante graves e revelam uma realidade muito cruel que permeia a existência lésbica.

Referências

- ALMEIDA, Gláucia. & HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. In.: Gênero. Niterói, v. 9, n. 1, 2. sem. 2008. p. 225-249.
- BORRILLO, Daniel. Homofobia – História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CARDOSO, Michelle Rodrigues; FERRO, Luís Felipe. Saúde e População LGBT: Demandas e especificidades em questão. PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2012, 32 (3), 552-563.
- CARVALHO, Cintia Sousa; CALDERARO, Fernanda; JOBIM E SOUZA, Solange. O dispositivo “Saúde de Mulheres Lésbicas”: (in)visibilidade e direitos. Psicologia política. Vol. 13. nº 26. PP. 111-127. Jan/abr, 2013.
- DIAS, Maria Clara. A perspectiva dos funcionamentos: por uma abordagem moral mais inclusiva. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pirlampo, 2015.
- _____. Os direitos sociais básicos: Uma Investigação Filosófica da Questão dos Direitos Humanos. Curitiba: CRV, 2016.
- _____. Sobre nós: expandindo as fronteiras da moralidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pirlampo, 2016.
- FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas? – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, Regina; BARBOSA, Regina Maria. Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas: Promoção da Equidade e da Integralidade. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.
- HEILBORN, MARIA LUIZA. Dois é par – gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LESSA, Patrícia. Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979-2006). Brasília: UnB, 2007. (Tese de doutorado).
- MARCELINO, Sandra Regina de Souza. Trajetórias de mulheres negras lésbicas: a fala rompeu o seu contrato e o silêncio se desfez. In.: FONSECA, Denise Rosalem da & LIMA, Tereza Marques de Oliveira. (Orgs.). Outras mulheres: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Chegou a hora de cuidar da saúde – um livreto especial para lésbicas e mulheres bissexuais. SE/SAA/CGDI/Editora MS – Brasília/DF – dezembro – OS 1334/2006.
- MOTT, Luiz. O lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, Tania. O que é lesbianismo? São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, F. Feminismo, luta anti-racista e Bioética. Cadernos Pagu, v. 5, p. 73-107, 1995.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In.: Bagoas. n. 05. Natal: 2010. p. 17-44.

SILVA, Maria José Marcelino da. Saúde das mulheres lésbicas no Brasil. In.: Anais do XX Seminário de Pesquisa do CCSA – “Construindo saberes para a promoção do desenvolvimento e da democracia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2015.

SIMÕES, Júlio Assis & FACCHINI, Regina. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES, Suane Felipe; PERES, Milena Cristina Carneiro. Saúde e Sobrevivência Lésbica: uma questão de saúde pública. In: ENLAÇANDO SEXUALIDADES, V, 2017, Salvador-BA. Anais do V Enlaçando Sexualidades.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Editorial EGALES SL, 2010.

Sítios eletrônicos

BBC. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

IrreverentTV. Disponível em: <<http://irreverentv.blogspot.com.br/2007/08/charla-coloquio-ponencia-1-semana-de-la.html>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Jus.com.br. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/31359/o-que-e-feminicidio>. Acesso em: 12 ago. 2017.

Lesbocídio. Disponível em: <<https://lesbocidio.wordpress.com/2017/07/04/serial-killer-monstro-da-alba/>>. Acesso em: 16 ago. 2017

Mundo Mais. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20110706153632/http://www.mundomais.com.br/exibemateria2.php?idmateria=334>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Organização das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/no-brasil-uma-mulher-e-assassinada-a-cada-2-horas-video/>>. Acessado em: 20 ago. 2017

Página 12. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/subnotas/1282-108-2010-03-19.html>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Significados. Disponível em < <https://www.significados.com.br/google/>>. Acesso em 23 ago. 2017